

## 2

### **A Feira de Artesanatos e Produtos do Centro de Manaus e seus Atores**

O presente capítulo aborda a caracterização do gênero feminino, assim como a realidade da Feira de Artesanatos e Produtos com seus respectivos atores sociais.

Sabe-se que a inserção da mulher no mercado de trabalho aparece pelo fato da mão de obra barata ser mais interessante aos capitalistas que preconizaram a mais-valia.

Entretanto, na contemporaneidade, o gênero feminino continua galgando por caminhos no mundo do trabalho, dessa vez em busca da equidade de gênero e de direitos, fomentando a visibilidade social e a noção de competência.

Apesar das conquistas femininas, muitas ainda são as lutas cotidianas e entre elas se pauta a inserção da mulher no mercado informal, com atividade precarizada e com a responsabilidade de famílias, haja vista, que muitas são responsáveis pelo sustento da casa.

Nesse sentido, julgamos ser relevante também caracterizar o histórico da Feira de Artesanatos do Centro da Cidade de Manaus, a qual é utilizada por muitas mulheres que estão na informalidade, como mecanismo de subsistência e integração social, visto que o mundo do trabalho colocou muitas delas há mais de 10 (dez) anos no referido *lócus* da pesquisa.

#### **2.1**

##### **A Mulher na Feira de Artesanato e suas Implicações**

Antes de comentar acerca do papel da mulher na Feira de Artesanatos do Centro de Manaus, consideramos relevante levantar alguns pontos referente à caracterização da categoria gênero, sobre a qual se estudam as relações existentes entre o feminino e o masculino.

As situações relacionadas ao gênero feminino, na contemporaneidade, conduzem a um desafio, visto que a mulher, historicamente sofreu inúmeros processos de discriminação, acirrando-se a desigualdade entre os gêneros,

sendo vista de maneira secundarizada, tendo sua identidade submissa ao sujeito masculino, sem ter nem mesmo o direito de ir e vir em muitas culturas.

Tal contexto mostra que a história social da mulher foi vista por ensejos de desigualdade que chegaram a ser naturalizados, ou seja, ela não possuía o direito a sair na rua, aprender a ler, nem mesmo escolher o esposo/companheiro que teria no decorrer da vida.

As legislações, desde o princípio dos tempos, colocam o sujeito feminino como ser inferior, podendo assim ser dominada de todas as maneiras, simplesmente pela condição de ser mulher.

Saffioti (2004), uma das primeiras estudiosas das relações de gênero no Brasil, em sua obra 'O Poder do Macho', publicada em 1987, diz que o poder é adulto, masculino e de preferência branco, com capacidade para submeter à violência e a opressão os sujeitos considerados inferiores, entre eles a mulher.

Segundo Saffioti (2004), gênero é a construção social, histórica e cultural do que significa ser masculino e feminino.

O estudo do gênero difere do sexo pelo fato de que o segundo trata apenas de uma consideração biológica, do ser macho ou fêmea conforme os aparelhos reprodutores os quais podem ser masculinos ou femininos.

Já a noção de gênero vem carregada de conceitos e padrões culturais que diferem de acordo com a realidade de cada localidade e construções de cada uma.

Podemos exemplificar, enfocando que o significado de ser mulher no Brasil, difere do que seja a construção do ser mulher no Oriente Médio, assim como o ser mulher de São Paulo é diferente do ser mulher do Amazonas, pois são os padrões culturais aliados à construção histórica e identitária que vão ditar as normas do que pode ou não ser feito por cada gênero na sociedade.

Nesse sentido, o gênero é uma categoria histórica caracterizada por elementos culturais, históricos, de representações sociais, significados e identidades, tratando das relações assimétricas entre homens e mulheres (Saffioti, 2004).

Junto com o fenômeno da desigualdade de gênero chega também o patriarcado, que de acordo com Costa (2004), tem mais de cinco mil anos.

O patriarcado se caracteriza pelo processo de dominação do sujeito masculino sobre o feminino, o que historicamente explica muitos fatores que se evidenciaram e persistem até hoje na sociedade.

Costa (2005), na obra *As Mulheres e o Poder na Amazônia*, narra que durante o início da era cristã, o processo de dominação masculina era bastante

acirrada, já a mulher era passiva, visto o contexto social e cultural em que os gêneros estavam inseridos.

Durante toda a Idade Média, a mulher era vista na execução de trabalhos domésticos e no cuidado com as crianças, o diálogo era travado entre as mulheres e crianças com a preocupação de não perturbar o pai, que por via das regras não poderia ser incomodado (Ariés, 1981).

Ressaltamos que durante a Revolução Industrial a mulher conseguiu se inserir no mercado de trabalho, porém não como fator de visibilidade social, mas mão de obra precarizada, sendo que o capital precisava de tal ponto para alimentar a voraz mais-valia.

A partir desse processo, a mulher se insere com mais vigor no mundo do trabalho, no entanto não há como negar as lacunas evidenciadas pela discriminação, preconceito e até mesmo violências que sofriam no 'chão de fábrica', pelo simples fato de serem mulheres.

O capital encarregou-se de gerar uma divisão não apenas social, mas também sexual do trabalho, a qual pode ser caracterizada como:

Na divisão sexual do trabalho, operada pelo capital dentro do espaço fabril, geralmente as atividades de concepção ou aquelas baseadas no capital intensivo são preenchidas pelo trabalho masculino, enquanto aquelas dotadas de menor qualificação, mais elementares e muitas vezes fundadas em trabalho intensivo são destinadas às mulheres trabalhadoras (e muito frequentemente também aos trabalhadores/as imigrantes e negros/as. (Antunes, 1999 p.106).

Antunes enfatiza que, às mulheres, geralmente restam as atividades das quais se exige menor qualificação. Consequentemente, tal fator leva a uma exploração mais efetiva da mulher no mundo do trabalho visto a precarização da mão de obra.

O autor mostra que, na atualidade, mais de 40% da mão de obra presente na sociedade é do trabalho feminino. Percebe-se que a mulher adquiriu maior visibilidade social, contudo ainda continua com baixos salários e condições precarizadas no mercado de trabalho.

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2003) destacou que mais de 30% dos lares são chefiados por mulheres, o que aponta a figura feminina com um papel provedor, fator este que vem aumentando consideravelmente em todas as regiões.

O resultado disso é o grande quantitativo de mulheres inseridas no mercado formal e informal, na busca da própria sobrevivência e no apoio aos seus familiares.

Outro fator importante a ser considerado é o fato de que aos poucos, a mulher está vencendo o paradigma de que só pode exercer profissões que enfatizem o cuidado com as pessoas, a exemplo da enfermagem e da pedagogia. Com passos curtos, o sujeito feminino vem se inserindo em profissões que até então eram vistas como masculinizadas, a exemplo de Contadoras e Engenheiras que buscam o protagonismo no interior das categorias profissionais.

Para explicar a lógica da divisão sexual do trabalho, Hirata *apud* Antunes (1999), tece as seguintes considerações:

(...) quanto à política da gestão da mão-de-obra, a primeira conclusão, similar à organização do trabalho, é que se trata de políticas diferenciadas segundo o sexo. Nas empresas japonesas, por exemplo, praticam-se abertamente dois sistemas de remuneração, em função do sexo. Outro exemplo é o da discriminação das mulheres casadas. Na França, quando do processo de seleção, as empresas matrizes não discriminam as mulheres casadas como fazem nas suas filiais brasileiras (Hirata *apud* Antunes, 1999 p.107).

O texto mostra uma realidade, pois no mercado formal, muitas organizações têm políticas diferenciadas no que se refere ao sexo e por vezes a apresentam abertamente. Outro ponto relevante a ser tocado é a questão cultural, já que a mulher sofre o processo de discriminação e este pode ser maior ou menor de acordo com o contexto cultural em que ela está inserida.

Já dizia Simone de Beauvoir que ninguém nasce mulher, torna-se mulher. Essa afirmação vem carregada de caracterizações extensivas ao gênero, mas o processo discriminatório ainda secundariza a mulher, mesmo frente às “conquistas” da inserção no mercado de trabalho.

Tais “conquistas” são relativas porque historicamente sabe-se da vitimização que as mulheres sofreram para buscar a visibilidade e ter o direito a ter direitos.

O contexto brasileiro do mercado de trabalho discrimina cotidianamente, mas tal fator não ocorre apenas no mercado formal. Na informalidade, também as mulheres estão sujeitas à discriminação e ao preconceito, principalmente quando se encontram expostas em localidades tais como uma feira, seja de artesanatos ou de gêneros alimentícios.

Dentro da própria classe trabalhadora há divisões e subdivisões. Antunes (1999) exemplifica que há um processo de exclusão das mulheres e dos trabalhadores terceirizados nos sindicatos, contudo, olvida-se que os referidos sujeitos constituem-se como um grande contingente de trabalhadores que

poderia somar força na luta por direitos no processo da reestruturação produtiva.

Os resultados da precarização do trabalho feminino são colocados por Antunes (1999) da seguinte forma:

É evidente que a ampliação do trabalho feminino no mundo produtivo das últimas décadas é parte do processo de emancipação parcial das mulheres, tanto em relação à sociedade de classes, quanto às inúmeras formas de opressão masculina, que se fundamentam na divisão social e sexual do trabalho. Mas – e isso tem sido central – o capital incorpora o trabalho feminino de modo desigual e diferenciado em sua divisão social e sexual do trabalho. (...) ele se faz precarizado com intensidade maior no trabalho das mulheres. (p.109).

O autor caracteriza a elevação do quantitativo de mulheres no mercado de trabalho frente à emancipação parcial delas. Vale considerar que essa parcialidade se deve à presença ainda intensa do regime patriarcal que vai da esfera privada para a pública.

As mulheres ainda continuam secundarizadas, vitimizadas e discriminadas no ambiente familiar, mesmo estando inseridas no mercado de trabalho.

Ressaltamos que o quadro com as diversas faces de violência oriundas do machismo social e cultural independe de classe social, raça e etnia, pois se encontra presente em todas as esferas da sociedade.

A opressão masculina apresenta “novas” faces da dominação, quando na verdade não há nada de novo, apenas roupagens diferenciadas, que mudam de acordo com o sistema social para se trabalhar a inferiorização da mulher.

O limiar do século XXI volta-se para mudanças importantes nos modos de vida, contudo, os resquícios do patriarcado fazem-se presentes e a região amazônica não foge desse contexto, pois há um grande processo conservador oriundo da cultura indígena, onde a mulher é secundarizada e não pode exercer atividades de grande relevância.

Nesse sentido, a informalidade também existe e não se trata de um contexto à parte, pois se evidencia, na maioria das vezes, exemplificando o contexto amazônico, cuja inserção no mercado ainda se faz através de atividades que exigem pouca qualificação e que apontam por vezes, elementos domésticos, como se o trabalho significasse apenas a extensão do ambiente familiar.

Com o objetivo de aprofundar melhor o estudo sobre a informalidade e o papel da mulher, é importante situar o *locus* da pesquisa, o qual ocorreu na Feira de Artesanato do Centro da Cidade de Manaus, conforme se verifica a seguir.

## 2.2

### A Divisão do Trabalho na Feira de Artesanato do Centro de Manaus

Ao ressaltar o processo da informalidade no mundo do trabalho, que em Manaus pode ser evidenciado através da Feira de Artesanatos e Produtos do Centro, faz-se importante discutir um pouco como a informalidade cresceu na cidade.

De acordo com Costa (1999), na última década do século XIX, Manaus era considerada a “Paris dos Trópicos”, tendo seu apogeu econômico sustentado pela extração do látex (borracha).

Durante esse período, a cidade recebeu muitos migrantes de várias regiões do país, principalmente do nordeste, sujeitos tais que vinham em busca de trabalho nos seringais, com o objetivo de obter lucros e voltar para suas localidades de origem junto com as famílias, sendo que este último quase não ocorreu.

Quando a semente da seringa, árvore regional que dá origem ao látex foi levada para a Europa, ainda no fim do século XIX, Manaus deixa de vivenciar a *Belle Époque* e passa a sentir o marasmo da miséria absoluta que tomava conta da cidade.

Costa (1999) enfatiza que principalmente a partir da década de 1940, Manaus passa a ser considerada como uma cidade fantasma, pois os moradores que ficaram se caracterizavam pela falta de expectativa em todos os sentidos, o que fez elevar as expressões problemáticas da Questão Social.

Assim, em uma cidade que viveu o apogeu de ter a primeira escola de Direito do país, além de ser uma das primeiras a receber energia elétrica, sobrevive aos fundamentos da pobreza que tomou conta e trouxe várias doenças e outras expressões relacionadas à sociedade.

Vale dizer ainda que tal quadro também favoreceu para que Manaus tivesse uma das primeiras escolas de Serviço Social do país, a qual foi implantada em 1941, através da Escola Livre de Manaós, que em 2011 completa 70 anos.

Ao retornar a discussão da problemática, é importante ressaltar que a mudança do quadro de pobreza em Manaus só começou a modificar-se a partir de 1967, pois segundo Costa (1999), inicializou-se a implantação da Zona Franca de Manaus.

Através desse processo várias indústrias estrangeiras tiveram a garantia

de incentivos fiscais (os quais duram até hoje), para instalar verdadeiras linhas de produção que envolviam desde o setor de informática, eletrodomésticos, eletrônicos e o polo de duas rodas, entre outros, desenhando hoje o que se chama de Polo Industrial de Manaus (PIM).

Além disso, assistiu-se à fomentação de incentivos para a entrada de produtos importados, favorecendo o crescimento do mercado e conseqüentemente a melhora da economia local e o potencial turístico na busca dos bens já expostos.

Nesse sentido, mesmo com a manutenção de um Polo Industrial em Manaus (PIM), é visível a exclusão no mundo do trabalho, visto que a exigência é por uma mão de obra qualificada efetivamente para atender às demandas da indústria, fechando as portas para os sujeitos que não apresentam o mínimo de qualificação.

Ressaltamos ainda que mesmo o PIM oferecendo vagas, é notório que o quantitativo não é suficiente para absorver a oferta de mão de obra, gerando a formação de um exército de reserva nos moldes da flexibilização do mundo do trabalho, conduzindo cada vez mais para a informalidade.

Entre os mecanismos da informalidade, a população manauara utiliza-se das calçadas, para o trabalho ambulante (na cidade, chamados de Camelôs), as regiões mais periféricas onde o comércio é grande e a região central da cidade, como é o caso da Feira de Artesanatos e Produtos, da qual se falará a seguir.

Segundo a Associação, a Feira de Artesanatos do Centro de Manaus surgiu no dia 09 de junho de 2000, através da iniciativa de um grupo de empreendedores que objetivavam pensar um espaço destinado aos artesãos, unindo o potencial turístico à geração de renda.

Inicialmente, a feira teve cerca de 100 (cem) empreendedores e na atualidade conta com mais de 300 (trezentos), divididos em várias áreas de venda e oferecendo produtos tais como: bolsas, bijuterias indígenas, discos, livros, artigos de cama, mesa e banho, quadros, doces regionais, artes com vidro e espelho, sabonetes artificiais, roupas com estampas amazônicas, ervas medicinais, velas decorativas, diversos itens de decoração, luminárias, artesanato voltado para o turismo, confecções, alimentos, entre outros.

Ressalta-se que a associação vincula-se com as artesãs através do apoio ao empreendedorismo, assim como na configuração da infraestrutura necessária ao cotidiano da feira.

Na feira, encontra-se ainda espaço para os artistas locais que desenvolvem suas apresentações, como: palhaços, malabaristas, imitações de

diversos cantores, homem estátua, além da roda de capoeira.

Ressalta-se que a cultura das apresentações de artistas se dá, inclusive, pela localização da feira, a qual está próxima do ponto cultural mais conhecido da cidade: o Largo de São Sebastião, ligado com a Av. Eduardo Ribeiro, que abriga a mais clássica casa de espetáculo de Manaus, o Teatro Amazonas, aliado a várias outras pequenas casas de arte que se configuram ao longo do referido Largo, conforme as ilustrações sinalizadas a seguir.



Figura 1- Largo de São Sebastião.  
Fonte: Tânia Santos Castello Branco

A figura acima mostra o Largo de São Sebastião, localizado no entorno do Teatro Amazonas, o qual foi restaurado nos anos de 1990.

A localidade abriga várias atividades culturais que envolvem música, teatro, festivais internacionais de Ópera, Jazz, Cinema, Teatro e Dança entre outros



Figura 2- Largo de São Sebastião.  
Tânia Santos Castello Branco

A figura acima mostra o entorno do Teatro Amazonas, no Largo de São Sebastião, região restaurada do centro de Manaus.

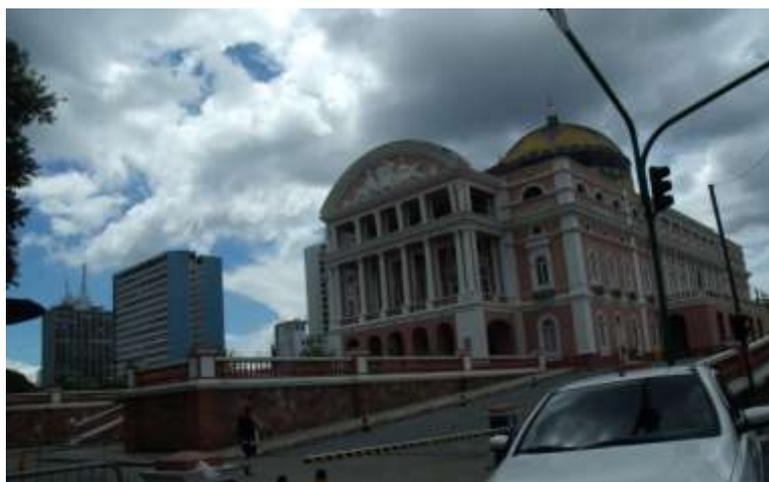


Figura 3- Teatro Amazonas.  
Tânia Santos Castello Branco

As ilustrações mostram o Largo de São Sebastião, que foi resultado de um Projeto de Cultura implantado a partir do final da década de 1990 na cidade de Manaus, criando assim um polo de cultura na localidade. Tal fator favorece a participação de vários artistas durante todo o fim de semana, sendo que este também se estende à feira.

A Feira é abrigada na principal avenida do centro Antigo de Manaus, denominada como av. Eduardo Ribeiro, cujo nome é uma homenagem ao homem que atuou como governador do Amazonas durante a última década do século XIX.



Figura 4- Avenida Eduardo Ribeiro na década de 1960  
Fonte: Portal [www.skycrapercity.com](http://www.skycrapercity.com)



Figura 5- Área frontal da Feira de Artesanatos e Produtos na av. Eduardo Ribeiro 2010.  
Fonte: Tânia Santos Castello Branco.

As duas ilustrações mostram a respectiva avenida em dois períodos diferentes da história. A primeira retrata a década de 1960, quando a cidade se preparava para receber a Zona Franca de Manaus (que ocorreu em 1967), para sair do marasmo e da situação de 'convulsão' social em que se encontrava, assolada por inúmeras expressões da Questão Social. A segunda ilustração mostra a avenida no momento atual em um dia de domingo quando ocorre a feira de artesanato e produtos do Amazonas.

As mudanças no local trouxeram entre outros contextos, a feira de

artesanatos e produtos, e desde o segundo semestre de 2000, tornou-se um dos lugares mais procurados pelas famílias amazonenses, seja para reuniões no café da manhã aos domingos, seja para fazer compras dos mais variados produtos expostos, ou até mesmo como atrativo para os turistas.

Segundo a AFAPA, a feira do Centro de Manaus já é considerada a maior do norte do país, na modalidade que funciona um dia por semana (aos domingos, neste caso), contudo a Associação, junto com as organizações de apoio como o SEBRAE, com o objetivo de realizar a ampliação desse segmento para que a feira se torne cada vez maior e possa oferecer não apenas produtos, mas, sobretudo, qualidade, acesso e estrutura para atender aos clientes. Abaixo se verificam algumas das barracas do setor de cama, mesa e banho.



Figura 6- Barraca da feira – setor de cama, mesa e banho.  
Fonte:Tânia Santos Castello Branco.



Figura 7- Barraca da feira – setor de cama, mesa e banho.  
Fonte: Tânia Santos Castello Branco.



Figura 8- Barraca da feira – setor de cama, mesa e banho.  
Fonte: Tânia Santos Castello Branco.



Figura 9- Barraca da feira – setor de cama, mesa e banho.  
Fonte: Tânia Santos Castello Branco.



Figura 10- Barracas da feira – setor de cama, mesa e banho.  
Fonte: Tânia Santos Castello Branco

As ilustrações mostram respectivamente, algumas barracas do setor cinza, responsável pelos produtos de cama, mesa e banho. Percebe-se a organização e exposição dos produtos para a venda aos clientes.

A pesquisa de campo apontou a predominância feminina entre os empreendedores, seja no setor de artesanato de cama, mesa e banho, como nos demais. Tal ensejo confirma o processo de inserção da mulher no mercado

informal, o que também contribui para a produção dos produtos.

Ao enfatizar a questão dos produtos, Antunes (2004) afirma que:

Quanto mais se desenvolve a produção em geral como produção de mercadorias, tanto mais cada qual quer e deve converter-se em vendedor de mercadorias, fazer dinheiro, seja com seu produto, devido a sua natureza, só existe sob a forma de serviço – e esse fazer dinheiro aparece como objetivo último de todo gênero de atividade. (p.160).

O autor salienta que o sistema de produção se concretiza geralmente com a produção de mercadorias. Se exemplificarmos com a situação da feira, as artesãs são as vendedoras das mercadorias que fazem manualmente. Gerar dinheiro passa a ser o produto delas, ou seja, o artesanato que fazem aparece sob a forma de serviço prestado aos clientes, sendo que o dinheiro é visto como o objetivo último, porém não menos importante, mesmo quando os sujeitos da pesquisa ressaltam que desenvolvem o trabalho de fazer o artesanato apenas por “prazer”.

Sobre as perspectivas de melhoria da feira para 2011, de acordo com a presidente da AFAPA, almeja-se a instalação de banheiros químicos para atender à demanda de pessoas que se dirigem ao local e lá permanecem por longo período, já que a feira funciona de 7 às 14 horas. Outro projeto sinalizado contempla ainda a instalação de uma “rádio comunitária”, com o objetivo de divulgar produtos e serviços oferecidos regularmente na feira.

Ao caracterizar a feira de artesanatos e produtos, apresentaremos a seguir os dados da pesquisa de campo, com o objetivo de analisar a relação trabalho-família das mulheres que trabalham no setor de cama, mesa e banho.